

# Soneto shakespeariano: entre o *amor, a beleza e a herança* *mitológica clássica*

Raquel Ferreira Ribeiro<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Carlos Augusto Viana da Silva<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **Resumo**

O soneto é a forma de expressão poética criada pelo poeta italiano Petrarca, que canta um amor submisso de homem para uma mulher ativa e atraente. Forma muito utilizada na Europa humanista, na Inglaterra do período renascentista foi adaptada para o que chamamos hoje de soneto inglês. A literatura renascentista, contudo, assim como as demais artes e a ciência, recebe grandes influências da antiguidade clássica. Os sonetos de William Shakespeare cantam o Amor e a Beleza do pensamento renascentista que, por sua vez, resgatam esta relação que faz parte da herança cultural ocidental desde os mitos clássicos, como Narciso e Hipólito, ao pensamento filosófico sobre o Amor em *O Banquete*, de Platão (1972). O presente artigo busca possíveis alusões aos mitos citados nos sonetos *I* e *III*, de Shakespeare (1997), dedicados a *Fair Youth*, para identificar nos estudos da poesia do autor, o belo jovem que desperdiça sua Beleza por não deixá-la para a posteridade através da prole.

## **Palavras-chave**

Mito. Beleza. Soneto shakespeariano.

---

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Ceará e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará.

<sup>3</sup> Doutorado em Letras (Descrição e Análise Linguísticas) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Atualmente é professor Associado I do Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará- UFC.

## Introdução

William Shakespeare, poeta e dramaturgo do século XVII, é até então considerado o poeta máximo da língua inglesa, cujas peças trazem notoriamente grandes temas da humanidade e, conseqüentemente da literatura, tais como o amor, o ciúme, a ambição, a vingança e conflitos políticos. Seus poemas, principalmente os 154 sonetos, são conhecidos por cantar a relação entre o amor, a beleza, a natureza e o tempo em sua época. O soneto XVIII, por exemplo, traz a mais famosa comparação de beleza, como aparece no primeiro verso: *Shall I compare thee to a summer's day?*, em que a pessoa amada é mais bela que a estação mais amena e atraente para os ingleses, o verão.

A relação entre Beleza e Amor faz parte da herança social-filosófica discutida desde a Antiguidade Clássica. Um dos textos mais influentes é o que trata dos preceitos filosóficos discutidos no diálogo *O Banquete* (1972), de Platão. Nesse diálogo, diferentes definições do Amor são apresentadas e são estabelecidas suas relações com o Belo; tanto o sensível quanto o suprassensível, conseqüentemente, apresentam possibilidades de alcançar o Amor em ambos os níveis, através da Beleza sensível e da Beleza da sabedoria.

Shakespeare como renascentista resgata as ideias do Amor e da Beleza do pensamento clássico, apresentando em seus sonetos o Amor que busca vencer a morte. Uma das relações clássicas entre Beleza e Amor está ligada ao Amor sensível ou carnal, ou seja, na relação sexual para a procriação que multiplica a Beleza. Tal pensamento vê como trágica a negação desta relação, resultando na morte da Beleza. O objetivo deste trabalho é então relacionar as alusões aos mitos de Narciso e Hipólito, exemplos da Beleza “desperdiçada”, às ideias de Amor e Beleza nos sonetos *I* e *III*, de Shakespeare, sua inspiração clássica e mitológica, apresentando um ideal do amor ocidental que reflete na literatura e cultura até os dias de hoje.

## Preceitos filosóficos do Amor e do Belo em *O Banquete*, de Platão

Pioneiro a dar tratamento filosófico ao Amor, Platão o apresenta no diálogo *O Banquete* através de um debate de grandes sábios que “disputam” o melhor elogio a Eros. Fedro, o primeiro a apresentar sua definição de Amor, resgata o relato de Hesíodo na *Teogonia*. O Amor está no princípio de tudo, pois foi criado ainda antes dos deuses imortais; é através do Amor, de acordo com Fedro, que se alcança a virtude maior e honra os deuses. Pausânias o divide numa forma popular, que pertence aos vulgares e às mulheres de seu

tempo; e na forma celestial, própria aos homens nobres e “melhores”, pois esta os levaria a “amar belamente” (PLATÃO, 1972, p. 21).

Erixímaco, médico, trata o Amor como parte da natureza humana física, pois o Amor “não está apenas nas almas dos homens” (p. 25), mas também no corpo. Aristófanes fala do terceiro gênero desfeito pelos deuses, o Andrógino, ser superior aos gêneros masculino e feminino, que, desafiando os deuses imortais, foi dividido ao meio, condenando ambas as partes a procurarem incessantemente uma pela outra, numa explicação para a busca humana da alma gêmea. Então, o Amor é o “desejo e procura do todo” (p. 31) perdido, causando nos homens uma incompletude incessante, a dor do não poder regressar. Agatão é o seguinte a proferir seu discurso sobre o Amor e enfatiza a sua natureza divina jovem, bela e delicada, fugindo da velhice. O Amor foge do que é feio, se afasta da alma de costume rude, mas da alma delicada se aproxima.

Sócrates encerra a roda de discursos desconstruindo os argumentos anteriores. A partir de seu diálogo com a sábia Diotima, estrangeira de Mantinéia, e da origem de Eros concebido da união entre o Recurso e a Pobreza, o Amor é um intermediário entre os deuses e os homens, servo de Afrodite, pois foi gerado no dia do seu nascimento. O Amor busca suprir a carência do homem, seja ela sensível ou suprassensível, é a “energia que ajuda os homens a atingir a única forma de imortalidade que está ao seu alcance” (LANCELIN; LEMONNIER, 2010, p. 34). Ou seja, a busca do homem pela Beleza pode estar no nível físico, na procriação, em tornar-se imortal através da prole, ou no nível intelectual, através da arte ou do conhecimento. Em outras palavras:

O que os homens chamam de amor não é senão uma pequena parte do verdadeiro amor: amor é desejo do *belo*, do *bem*, da *sapiência*, da *felicidade*, da *imortalidade*, do *Absoluto*. O Amor tem muitos caminhos que conduzem a vários degraus de bem (toda forma de amor é sempre desejo de possuir o bem); mas, o *verdadeiro* amante é o que sabe percorrê-los todos até alcançar a *visão suprema*, a *visão do que é absolutamente belo* (REALE, 1994, p. 219, grifos do autor).

Para estabelecer as categorias dos níveis de definição do Amor, discutidos n’*O Banquete*, de Platão, enumeramos as seguintes: (1) carência e necessidade de conquistar o que não se possui; (2) desejo do Belo e do Bem; (3) presença na natureza do homem na busca de vencer a morte; e (4) assim como ocorre no Belo, a busca em níveis do sensível e do suprassensível, sendo a sua forma mais nobre e superior o Amor pela filosofia (ABBAGNANO, 2007).

Essas categorias delimitam as ideias de Amor neste diálogo de Platão. No entanto, para este trabalho, será utilizada a busca pela imortalidade (3) e seu vínculo entre o Amor e a

Beleza, a ser relacionada aos mitos clássicos de Hipólito e Narciso e aos sonetos de William Shakespeare.

### **Mitos de Eros, Afrodite, Narciso e Hipólito**

Diz o mito da criação na *Teogonia*, de Hesíodo, que primeiro veio o Caos, a Terra e, do ovo cósmico, nasceu Eros, “o mais belo entre os deuses imortais”, o deus do Amor, cujo poder cai sobre os homens e os imortais. Mazel (1988, p. 179) o descreve como o “deus sem templo, ao mesmo tempo em toda parte e em parte alguma, o mais velho e o mais novo, Eros sempre existiu”. Esse paradoxo de existência e de seu poder sobre tudo e todos se reflete ainda antes do nascimento da mãe, Afrodite, quando compeliu o Céu e a Terra a se unirem. Na filosofia socrática e platônica, é Eros quem estimula a busca pelo Amor superior e suprassensível, “mais moral e pedagógico” (p. 180), próprio do macho, do homem nobre e superior, mas não dos vulgares, jovens e das mulheres.

Há outra variação do mito que conta ser Eros o filho da bela Afrodite com Hermes. É desta origem que os poetas e artistas se referem a Eros como a criança alada, imprudente com um arco atirando flechas aleatoriamente. A versão de nascimento de Afrodite conta que esta veio como consequência do membro decepado de Urano, jogado no mar, fecundando-o, dali nasce a bela deusa que se dirige a Citera e depois a Chipre, onde será ornamentada para ser introduzida aos deuses imortais (MAZEL, 1988). O poder de Afrodite atinge aos homens e aos deuses, e os que resistem ao seu poder podem ser castigados. Nessa versão ela representa a união amorosa, sobretudo carnal, o desejo sexual físico para procriação.

Os deuses gregos apresentam por vezes características humanas, como o desejo de vingança, a paixão, o desejo de castigar aquele que não os honram; assim também é Afrodite. No mito de Hipólito, filho do grande herói ateniense Teseu, o rapaz jovem, belo e caçador, que honrava acima de tudo a deusa Ártemis, desprezava Afrodite por cultivar a castidade. Ao lhe ser negada a adoração de um jovem tão belo, Afrodite o castiga, fazendo sua jovem madrasta Fedra se apaixonar por ele. A nobre senhora confessa seu Amor a Hipólito, mas este, que não desejava nenhuma mulher, e muito menos a de seu pai, recusa-a. Temendo a reação de Teseu, Fedra deixa uma carta ao marido e se mata. Na carta ela conta que Hipólito a violou, manchando o leito de seu pai. Na sua ira, Teseu pede a Poseidon que lhe conceda a morte do filho, assim, o deus dos mares faz com que os cavalos da carruagem de Hipólito

percam o controle, ele solte as rédeas, enganchado pelos pés, e seja arrastado pelos cavalos até a morte. O dramaturgo Eurípedes (2006) conta esta versão da tragédia em *Hipólito*.

Quanto a Narciso, sua extrema Beleza encantava a todos e muitos por ele se apaixonaram, fossem homens ou mulheres. O historiador Pausânias (2008) conta uma versão menos conhecida do mito. Nela, o autor relata que a paixão de Narciso por seu reflexo é fruto de sua paixão pela irmã gêmea, idêntica a ele em Beleza, vestes, cabelos e hábitos de caça. Quando esta morreu, Narciso viu em seu reflexo uma maneira de aliviar sua paixão, imaginando nele a irmã perdida.

A versão do mito por Ovídio (2008) em *Metamorfoses* inicia com a profecia de Tirésias para a mãe de Narciso, a ninfa Liríope. Segundo a profecia do Sábio, Narciso viveria muitos anos se não conhecesse a si mesmo. O mito também mostra a frieza de Narciso diante de vários pretendentes que se apaixonaram por ele. Um deles foi a ninfa Eco, que, por não conseguir expressar seu Amor, já que estava fadada a repetir as últimas palavras de quem se comunicava com ela, sucumbiu na floresta se transformando em voz. Narciso ignorou todos os que o amaram, mas quando viu seu reflexo na água, apaixonou-se. Sem suportar o sofrimento de não realizar este Amor, deitou na grama verde, e, do lugar onde esteve seu corpo, nasceu uma flor.

Conforme podemos observar, os mitos de Hipólito e Narciso falam da Beleza masculina jovem que se recusou a realizar união carnal, desperdiçando sua Beleza, e, como consequência dessa atitude, foram castigados. Hipólito, por exemplo, conheceu a morte e a desonra por ser objeto de um amor impuro. Narciso, por sua vez, provou do mesmo infortúnio que causou. Ambos personagens mitológicos são a personificação do Belo que se quer alcançar, da qual se tem carência, mas, ao mesmo tempo, torna-se impossível no nível da conjunção carnal, no caso de Narciso, ou condenável, no caso de Hipólito, por isso inalcançável e trágico.

Nesse sentido, o desperdício da Beleza e, conseqüentemente, do Amor, é posto aqui como algo trágico e condenável, trazendo a morte e o sofrimento a quem os negou. De forma indireta, os ideais dos mitos acima discutidos são resgatados centenas de anos depois, no século XVI, no período do renascimento do pensamento clássico na literatura e nas artes. O poeta e dramaturgo William Shakespeare, por exemplo, traz, tanto no seu teatro quanto em sua poesia, estes ideais de Amor e Beleza.

### **Sonetos de Shakespeare e a influência clássica**

Os sonetos de William Shakespeare fazem parte da maior coletânea de poemas escrita em sua época. São ao todo 154 poemas de 14 versos compostos em pentâmetro iâmbico, forma conhecida como soneto inglês ou shakespeariano. Diferentemente da forma clássica do soneto petrarchiano, os versos são distribuídos em três quadras e um dístico, com a sequência de rimas ABAB - CDCD - EFEF - GG, forma poética de grande popularidade nos últimos anos do reinado da rainha Elizabeth I (RAMOS, 2012).

Ainda no que concerne à estrutura, após a sequência de três quadras (cada um com um tema, ideia e metáforas identificáveis), o soneto inglês também apresenta uma pausa (*volta*) com o dístico final, isto é, geralmente uma consequência ou fechamento com um resumo da ideia do soneto nos dois últimos versos (DUNCAN-JONES, 1997). Esta característica contrapõe esta forma de soneto à petrarchiana, cuja *volta* é apresentada após o oitavo verso, ou seja, os tercetos são responsáveis por apresentar uma nova ideia no poema.

Outro contraponto entre essas duas formas é a quem o elogio é dirigido. O soneto italiano muitas vezes se dirige a uma dama idealizada e inatingível, alvo do amor do eu-lírico. Quanto aos sonetos shakespearianos, a sequência de 28 sonetos (127-54) é direcionada à figura da *dark lady*, uma mulher fisicamente acessível. Porém, de acordo com Duncan-Jones (1997), esses poemas exaltam a inconstância moral e estética feminina, referindo-se também a “um desgosto masculino com o ciclo menstrual aludido pelo número” (p. 6).

Portanto, a descrição acima (DUNCAN-JONES, 1997) aponta o rompimento com o estilo classicista do poema petrarchiano, cuja estética poética era voltada para elogiar uma figura feminina perfeita, casta e inalcançável. Os sonetos à *dark lady*, ao contrário, cantam a mulher fora dos padrões aristocráticos, madura, sexualmente experiente, não especialmente bonita ou inteligente, indicando ainda a misoginia cultural da época renascentista.

No entanto, a maior parte dos sonetos shakespearianos (1-126) são dedicados ao *fair youth*, um jovem belo, alvo de amizade/amor romântico do eu-lírico. Muito já se debateu sobre os temas e ambas as *personas* identificadas (*fair youth* e *dark lady*) nessa coletânea de poemas, incluindo a clara divisão a quem são dirigidos e tentativas de identificá-los como inspiração de pessoas contemporâneas ao autor. Em vários dos estudos shakespearianos dedicados aos sonetos, há inúmeras teorias de figuras históricas apontadas como *fair youth*. Sua identidade ainda é um mistério, mas, provavelmente, se trataria de um jovem bem nascido e bem relacionado na sociedade elizabetana (RAMOS, 2012).

O elogio poético à Beleza masculina é outro tipo de rompimento com a estética anterior, ou seja, uma exaltação da figura do jovem belo no lugar de uma donzela

inalcançável, retoma o pensamento clássico sobre a figura masculina como representativo do bom, do verdadeiro e do Belo, que deve ser cultivado e preservado.

Assim, fica clara a tentativa de resgate do pensamento clássico nos sonetos de Shakespeare, o que reflete a influência do pensamento filosófico platônico sobre o Amor em seus poemas. Em *O Banquete*, Pausânias separa o Amor em dois tipos distintos: o popular, próprio aos vulgares e às mulheres, é desacreditado, traz o desregramento e o despropósito; e o celestial, aquele que busca as coisas superiores, pois o Amor celeste tudo faz pela virtude (PLATÃO, 1972).

Nos sonetos shakespearianos, o jovem amigo inspira um sentimento “superior”, que representa o Belo, o bem e o verdadeiro, o Amor celestial. Vale ressaltar que existem outras interpretações mais específicas quanto aos diálogos dos sábios, porém este artigo deter-se-á apenas em apontar as definições de Amor supracitadas, presentes nos sonetos *I* e *III*, e sua relação com os mitos mencionados.

O primeiro soneto de William Shakespeare contempla a Beleza dos seres, cujo egoísmo e avareza os fazem cultivar a Beleza somente para si. O eu-lírico tenta aqui convencer o jovem Belo, *fair youth*, a cultivar sua Beleza para o mundo, vencendo assim a morte. Em primeiro nível, é ressaltada a reprodução como obrigação natural dos seres mais belos, mas que não é cumprida pelo jovem. Vejamos:

1 FROM fairest creatures we desire increase,  
2 That thereby beauty's rose might never die,  
3 But as the ripper should by time decease,  
4 His tender heir might bear his memory:  
5 But thou, contracted to thine own bright eyes,  
6 Feed'st thy light'st flame with self-substantial fuel,  
7 Making a famine where abundance lies,  
8 Thyself thy foe, to thy sweet self too cruel.  
9 Thou that art now the world's fresh ornament  
10 And only herald to the gaudy spring,  
11 Within thine own bud buriest thy content  
12 And, tender churl, makest waste in niggarding.  
13 Pity the world, or else this glutton be,  
14 To eat the world's due, by the grave and thee. (SHAKESPEARE, 1997, p. 113).

Como podemos perceber, nesse soneto prevalece a visão de Amor que reforça a busca do homem para vencer a morte. O termo *fairest creatures*, no plural, abrange a necessidade que se espera das mais belas criaturas, num sentido mais amplo, não apenas individual daquela Beleza em particular, porém algo inerente aos seres vivos. *Beauty's rose* contempla a Beleza natural perecível, mas que a prole (*increase*) mantém. O verso 4, *His tender heir might bear his memory*, indica o elogio a um personagem masculino através do pronome possessivo *his*, o *fair youth*.

Os versos 5 a 8 expressam o egoísmo do ser quando é afetado pelo sentimento de posse da Beleza. Assim como no mito de Narciso, o eu-lírico reforça o desejo do belo jovem em querer o Belo somente para si; com a própria Beleza contemplada (*contracted to thine own bright eyes*), o combustível que ilumina a existência se torna restrito, transformando assim o que deveria ser fartura em fome (*Making a famine where abundance lies*). A criatura bela se transforma em seu próprio inimigo, condenando a si mesmo à morte por desperdiçar a Beleza (*Thyself thy foe, to thy sweet self too cruel*).

É importante lembrar que a procriação na mitologia grega é representada pela deusa Afrodite, pois esta é atenta às necessidades da espécie. Negar-se esse impulso, ou não cultivá-lo, é condenar a si mesmo à morte. Consequentemente, Narciso e Hipólito, por motivos diferentes, estão ambos condenados à extinção de sua Beleza. No soneto de Shakespeare, não há uma relação com Afrodite, pois, mesmo buscando-se cultivar a tradição greco-romana clássica, prevalece no renascimento a posição do homem frente ao divino.

Assim como no mito de Hipólito, apresentado na peça de Eurípedes, o culto à Afrodite, ou seja, a relação carnal para a procriação, é apresentado como uma exigência social. No soneto, em outra perspectiva, há uma súplica para preservar a Beleza (*Pity the world, or else this glutton be*), ou seja, o Amor expresso neste poema também pode ser compreendido como o desejo de que o Belo não pereça; o alerta de que o que resta para o ser Belo que não procria é a sua morte.

O soneto *III* similarmente trata da Beleza desperdiçada em si mesma, cujo legado não passará a uma próxima geração, pois o Amor por si mesmo impede a procriação:

1 Look in thy glass, and tell the face thou viewest  
2 Now is the time that face should form another,  
3 Whose fresh repair if now thou not renewest  
4 Thou dost beguile the world, unbless some mother.  
5 For where is she so fair whose unneared womb  
6 Disdains the tillage of thy husbandry?  
7 Or who is he so fond will be the tomb  
8 Of his self-love, to stop posterity?  
9 Thou art thy mother's glass, and she in thee  
10 Calls back the lovely April of her prime:  
11 So thou through windows of thine age shalt see,  
12 Despite of wrinkles, this thy golden time.  
13 But if thou live remembered not to be,  
14 Die single, and thine image dies with thee. (SHAKESPEARE, 1997, p. 117).

Ao analisarmos alguns versos desse soneto, podemos constatar uma forte alusão ao mito de Narciso, como olhar o reflexo para ver a Beleza (*Look in thy glass [...]*). Porém, a Beleza já sofre a ação do tempo, conforme diz o verso 2 (*Now is the time that face should*

*form another*). A face em tempo de transformação é um alerta para a necessidade natural de sua renovação, que é negada.

Novamente, o poema é dirigido a uma figura masculina. Os versos 5 e 6 enfatizam a união carnal para procriação (*For where is she [...] thy husbandry?*) mais uma vez como exigência social e não como resultado de um desejo pessoal, pois nessa situação o termo *husbandry* pode ser associado à ideia de “tornar-se marido” ou de “cultivo” (DUNCAN-JONES, 1997, p. 116). Os versos 7 e 8 (*Or who is he [...] of his self-love, to stop posterity?*) enfatizam o Amor por si próprio, que o impede de procurar uma relação que gere herdeiros da Beleza. A última quadra lembra que a Beleza do jovem vem de outra geração (*Thou art thy mother's glass [...]*) e assim deve ser passada a outras gerações futuras. A conclusão do soneto alerta o jovem belo a ver as consequências do tempo e que a recusa de não passar a Beleza adiante (*But if thou live remembered not to be*), através do casamento (*Die single, and thine image dies with thee*), significa a morte da Beleza.

Comparando a discussão sobre o Belo no soneto *III*, de Shakespeare, com o mito de Narciso podemos observar que o desperdício da Beleza é considerado como um ato egoísta, tanto no mito grego quanto no poema. Narciso não conheceu o Amor em ninguém, apenas em si mesmo, ao buscar um Amor idealizado, mas inalcançável. Assim como no mito, a Beleza do *fair youth* também é celebrada por ele mesmo através do reflexo, mas, ao contrário de Narciso, o jovem Belo do poema deve usar o seu reflexo para tomar consciência não apenas de sua Beleza, mas também de sua mortalidade, reforçando o caráter humanista do texto em que o homem assume o controle de sua vida e é capaz de fazer suas escolhas. Através de tal constatação, o jovem poderá escolher continuar sua Beleza através da prole ou não. O mito de Narciso, em outra perspectiva, não apresenta esta opção de escolha, visto que o filho da ninfa Liríope já estava fadado a apaixonar-se por seu reflexo, segundo a profecia de Tirésias.

Os mitos clássicos apresentados nesta discussão mostram a influência dos deuses na vida dos mortais, seja de forma direta, no caso de Hipólito, ou através de uma profecia, no caso de Narciso. Em ambos os casos, os mitos apresentam personagens Belos, mas trágicos, por não passarem à posteridade sua Beleza. Assim, podemos afirmar que, aos olhos da deusa Afrodite, Hipólito e Narciso pecam em seus preceitos quando subvertem ordens e ações a eles pré-estabelecidas: o primeiro por preservar a sua castidade e o segundo por cultivar o Amor impossível. Dessa maneira, os jovens Belos não realizam a forma de Amor como busca pela imortalidade, o que impede que sua Beleza seja passada adiante através da procriação.

Vale destacar que os sonetos *I* e *III* de Shakespeare ressaltam a Beleza como o bem maior a ser transmitido a outra geração através da procriação, assim como o egoísmo do jovem Belo ao conservar a Beleza somente para si, não cumprindo com os preceitos sociais do casamento ou da união carnal que geraria filhos. Nesse sentido, esses sonetos renascentistas resgatam o pensamento neoplatônico de uma das formas de Amor, aquela que o percebe como a busca de vencer a morte através da prole. Porém, diferentemente da postura dos gregos, Shakespeare não aponta a interferência divina na morte da Beleza, mas a decisão humana deliberada sobre seus próprios atos, proporcionando escolhas. Por exemplo, podemos citar os termos nos versos 13 em ambos os poemas: *or else*, do soneto *I*, e *if*, do soneto *III* em que o eu-lírico toma consciência da posição precária da existência desse ser Belo e de sua Beleza, mas, ao mesmo tempo, busca interferir na situação, esboçando imediatamente uma reação.

### Considerações finais

O presente artigo tratou, nesta breve discussão, da relação entre o Amor e o Belo no diálogo platônico *O Banquete*, em que o Amor é delimitado como busca da imortalidade, e da sua relação com os mitos clássicos trágicos de Hipólito e Narciso, no sentido de mostrar sua influência no pensamento renascentista sobre o Amor e o Belo na poesia de William Shakespeare, mais especificamente nos sonetos *I* e *III*.

A análise demonstrou que, apesar da influência, alguns traços particulares marcam diferenças na percepção sobre o Amor e o Belo entre o universo clássico e o universo renascentista. É o caso da influência divina sobre o mito e as próprias ações do homem grego, de um lado; de outro, a autonomia do homem renascentista, livre de qualquer interferência divina frente aos seus atos, exemplificado na *persona* masculina *fair youth* dos sonetos shakespearianos analisados.

Diante desses resultados, poderia se pensar ainda um exame mais detalhado das demais relações entre o Amor e a Beleza do diálogo platônico em outros sonetos do autor, com ênfase, por exemplo, na *persona* da *dark lady*, o símbolo do Amor atraente, mas carnal e pecaminoso, podendo ser associado ao Amor popular, bem como uma argumentação de perspectiva mais filosófica poderia ser aprofundada através de outros diálogos de Platão sobre o Amor e a Amizade na coletânea de sonetos de Shakespeare.

### Referências:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi (Ed). Rev. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

DUNCAN-JONES, K (Ed.). Introduction. In: SHAKESPEARE, W. **Shakespeare's Sonnets**. Ed. Katherine Duncan-Jones. London: Arden Shakespeare. 1997. p. 1-105.

EURÍPEDES. **Hipólito**. Trad. J. B. de Mello e Souza. eBooksBrasil. 2006. Disponível em: <[www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hipolito.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hipolito.pdf)> Acesso em 12 nov. 2016.

FENTON, J. **An Introduction to English Poetry**. London: Penguin Books. 2003.

LANCELIN, A. LEMONNIER, M. Platão. O hino ao amor. In: \_\_\_\_\_. **Os filósofos e o amor**. Trad. Carlos Vaz Marques. Lisboa: Edições Tinta da China, 2010.

MAZEL, J. Afrodite ou o amor fatal: a realidade do mito. In: **Metamorfoses de Eros: O Amor na Grécia Antiga**. Trad. Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 173-200.

OVÍDIO. Eco y Narciso. In: **Metamorfosis, Libro III**. Trad. José Carlos Fernandez Corte e Josefa Canto Llorca. Madri: Editorial Gredos, S. A. U. 2008. p. 339-348.

PAUSANIAS. Libro IX. In: **Descripción de Grecia**. Trad. María Cruz Herrero Ingelmo. Madri: Editorial Gredos, S. A. U. 2008. p. 315.

PLATÃO. Livro VII. In: **A república**. Trad. de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 225-256.

\_\_\_\_\_. O Banquete. In: \_\_\_\_\_. **Diálogos: O Banquete; Fédon; Sofista; Político**. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural. 1972. p. 7-59.

RAMOS, P. E. da S. Introdução. In: SHAKESPEARE, W. **Sonetos**. São Paulo: Hedra. 2012. p. 9-43.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga II: Platão e Aristóteles**. Série História da Filosofia. v. 2. São Paulo: Edições Loyola. 1994.

ROLFE, W. J. **Are all the Sonnets addressed to two Persons? From Shakespeare's Sonnets**. New York: American Book Company, 1905. Shakespeare Online. Disponível em: <<http://www.shakespeare-online.com/sonnets/sonnetstwopersons.html>> Acesso: 04/02/2017.

ROMAN, L.; ROMAN, M. **Encyclopedia of Greek and Roman Mythology**. New York: Infobase Publishing. 2010. p. 337.

SHAKESPEARE, W. **Shakespeare's Sonnets**. Ed. Katherine Duncan-Jones. London: Arden Shakespeare. 1997.

## SHAKESPEAREAN SONNET: AMID LOVE, BEAUTY AND CLASSICAL MYTHOLOGICAL HERITAGE

### Abstract

The sonnet is the form of poetic expression created by the Italian poet Petrarch, who sings about submissive love of a man to a haughty and attractive woman. Much used form in humanistic Europe, in England of the Renaissance period was adapted to what we now call the English sonnet. Renaissance literature, like other arts and science, receives great influences from classical antiquity. William Shakespeare's sonnets sing the Love and Beauty of Renaissance thought, which rescues these ideals that is part of the Western cultural heritage from classical myths, such as Narcissus and Hippolytus, to philosophical thinking about Love in Plato's *The Symposium* (1972). This article seeks possible allusions to the mentioned myths in Shakespeare's sonnets (1997) *I* and *III* dedicated to Fair Youth, to identify in the studies of the author's poetry the handsome young man who wastes his beauty by not leaving it to posterity through conceiving offspring.

### Keywords

Myth. Beauty. Shakespearean sonnet.

---

Recebido em: 31/03/2017

Aprovado em: 01/09/2017